



Scientia Traductionis

Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET

Universidade Federal de Santa Catarina

RESENHA DE FERREIRA, ELIANE FERNANDA CUNHA.
PARA TRADUZIR O SÉCULO XIX: MACHADO DE ASSIS.
SÃO PAULO: ANNABLUME, 2004.



FERNANDA MARIA ALVES LOURENÇO

Muitas ainda são as lacunas existentes na história da tradução brasileira. Autores e críticos tradutores como Paulo Rónai, Haroldo de Campos e Augusto de Campos são exemplos de (re)nomes que têm contribuído para o preenchimento desses espaços por meio de suas teorias e práticas tradutórias. No entanto, ainda há muito para ser descoberto, assim como existem contribuições de autores brasileiros a serem desvendadas. Nesse sentido, a obra *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis* (2004) apresenta um considerável panorama histórico da situação tradutória que existia no Brasil oitocentista, em que a autora, mineira de Belo Horizonte, Eliane Fernanda Cunha Ferreira, traz Machado de Assis em sua figura de tradutor, até então pouco conhecida e disseminada.

Pesquisadora da obra machadiana, Ferreira, além de docente, também atuou como secretária no Brasil das Jornadas Andinas de Literatura Latino-Americana (JALLA) e como editora da INTERLetras - revista eletrônica transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura do Centro Universitário da Grande Dourados - UNIGRAN/MS. Sua obra, uma versão adaptada e revisada de sua tese de doutorado em Literatura Comparada, defendida em 2001, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), possui caráter multidisciplinar, pois, além de apresentar uma análise do campo dos estudos da tradução também se insere nos estudos pós-coloniais, no pós-estruturalismo e na literatura comparada. Estruturado em quatro partes, ele apresenta 207 páginas muito bem apresentadas e organizadas, que levam o leitor a refletir sobre um Machado de Assis diferente do convencional.

O prefácio, ou como a própria autora nomeia, a apresentação, é assinada, Londres (2004), por Else Ribeiro Pires Vieira, orientadora de doutorado de Ferreira e ressalta em breves páginas a relevância do trabalho para os estudos da tradução e para os estudos pós-coloniais. Além disso, chama a atenção para o ineditismo de dados encontrados pela autora em suas jornadas de pesquisa nacionais e internacionais. Por fim, consagra a obra à “Casa de Machado de Assis” e sustenta o engrandecimento dado por meio desse estudo para a Academia e as Letras Brasileiras.

Em seguida, Ferreira inicia com uma demonstrativa introdução, na qual situa o leitor a respeito do tema central de sua obra, apresentando um panorama do que a induziu a desenvolver sua pesquisa acerca de Machado, a trajetória arquivística percorrida, os meios adotados, assim como seus objetivos. Cabe, aqui, ressaltar que o primeiro subtítulo encontrado na introdução é denominado curiosamente como “A abertura da caixa de Pandora”. A autora explica que Pandora foi o nome inspirado no modelo borgiano de Pierre Menard e que foi adotado por Else R. P. Vieira para se referir à teorização desta a respeito da tradução como um fenômeno semiótico e cultural na pós-modernidade. Assim, a autora apresenta uma breve síntese de algumas partes que considera pertinentes da tese de doutorado de Vieira, *Por uma teoria pós-moderna da tradução* (1992) a partir da qual Ferreira reabre, em 2000, essa suposta “caixa” até então fechada, e por meio das questões nela encontradas expõe um diálogo com a pós-modernidade tradutória e com o papel de Joaquim Maria Machado de Assis, no século XIX, ora em sua atividade tradutória *stricto-sensu*, ou seja, nas palavras da autora “em sentido próprio”, ora em sua atividade tradutória *lato sensu*, “em sentido figurado”, isto é, em sua função de tradutor cultural.

A fim de desvendar a teoria desenvolvida na área da tradução por Machado, Ferreira iniciou sua pesquisa partindo do momento vivido pela tradução no século XIX, o da pós-modernidade, sendo relevante destacar que suas pesquisas compreendem importantes locais de âmbito nacional e internacional, tais como: a Fundação Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Letras, o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, o Arquivo Público Mineiro, acervos particulares de Plínio Doyle e do bibliófilo Carlos Eduardo de Araújo, além da Universidade de Nottingham, os acervos da Bodleian Library e Taylor Institution da Universidade de Oxford, da Biblioteca Nacional de Lisboa e os acervos da Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal.

No primeiro capítulo, *Cenas culturais da capital do Segundo Império*, a autora aponta para uma comunidade que vivia, na pós-Independência, a era do romance-folhetim, dos saraus literários e do teatro, os quais disseminavam a cultura europeia, algo que não agradava Machado, já que para ele era preciso que o Brasil desenvolvesse uma cultura literária de cunho nacional, ao invés de ficar retido em civilizações estrangeiras, que estavam distantes da identidade vivida e real pertencente ao povo brasileiro. Ferreira, através de uma discussão realizada com relatos feitos por Machado, discute a preocupação deste com o teatro brasileiro, que era, em sua maioria, composto por traduções produzidas por qualquer pessoa, de qualquer profissão, com pouco ou nenhum conhecimento acerca do que constitui a atividade tradutória, o que impedia que uma literatura, um teatro de identidade brasileira emergisse. Ela comenta que o crítico literário não era contra o contato com o Outro, ou seja, a cultura europeia, ele apenas idealizava “a criação de um teatro brasileiro, de cunho nacional, com atores e textos nacionais, que contribuísse para o pecúlio cultural universal, entendido como ‘pecúlio comum’” (FERREIRA, 2004, p. 62), isto é, uma identidade própria do Brasil transpassada para as peças teatrais.

O tradutor dramático na ribalta: metáforas da tradução, título do segundo capítulo, traz uma reflexão sobre os posicionamentos teóricos que Machado tinha com a tradução, tendo como base as metáforas que utilizava de maneira corrente para se referir à forma como considerava que a função era exercida por muitos tradutores no século XIX. A autora salienta a metáfora do “criado de servir”, a qual aponta para a servilidade que Machado considerava ter o tradutor com a fidelidade ao texto original,

em meio a uma sociedade pós-independente, visto que tal situação se tornava contraditória, pois ao mesmo tempo em que o Brasil vivia sua pós-independência, a escravidão permanecia refletida no tradutor tido como subalterno e restrito à imitação.

Mais uma vez, neste capítulo, Ferreira relata a posição de Machado a respeito da literatura brasileira estar “escrava” do contexto cultural europeu e não dar espaço ao surgimento de talentos nacionais, em consequência das traduções servis. Ela também introduz a prática da tradução exercida por Machado de Assis, a da imitação-criação, a qual ainda é muito questionada nos dias de hoje. Como tradutor, ele sempre respeitava o texto original, valendo-se em alguns momentos de licença para realizar paráfrases ou mesmo criações. Tal forma de traduzir pode ser encontrada na prática exercida por outros tradutores, em especial pelos contemporâneos irmãos Haroldo e Augusto de Campos.

Na terceira parte, *O mosaico teórico machadiano do traduzir*, Ferreira realça a importância que o fazer tradutório teve na carreira literária de Machado de Assis, apresentando excertos encontrados nos mais diversos gêneros textuais escritos por este que, de maneira implícita ou explícita, citava a tradução. Por meio de citações ou paráfrases de autores ocidentais renomados como Dante e, principalmente, Shakespeare, o escritor-tradutor ia se apropriando dos textos alheios para assim realizar traduções e também obras “próprias”, o que, de acordo com a autora do livro, levou ao desenvolvimento de uma teoria tradutória vista como recriação pelos estudos da tradução da pós-modernidade.

Em razão de conhecimentos linguísticos limitados, o tradutor, dramaturgo e romancista Machado traduzia, muitas vezes, de maneira indireta, isto é, servia-se de obras traduzidas para transpassá-las para o português, sendo que fazia isso principalmente usando como base a língua francesa. No entanto, em 1883, aos quarenta anos, ele decide estudar o alemão, idioma que se tornou um marco histórico em sua carreira literária.

Ademais, Ferreira assinala a maneira como era vista e praticada a atividade tradutória por Machado, apresentando visões análogas de outros autores como Haroldo de Campos. Apesar da invisibilidade do tradutor no Brasil oitocentista ser algo habitual, para ele o trabalho do tradutor não podia ser visto como inferior, este deveria perfazer o original para assim produzir um texto traduzido de sua autoria e que tivesse “vida própria”, ou seja, fosse de primeira mão. Assim, o original seria respeitado, contudo a criatividade do tradutor deveria ser colocada em prática.

Nesse contexto, ainda é destacada uma das obras do literato que mais incitou equívocos quanto a sua autoria e ao seu gênero, a publicação de *Queda*. Muitos foram aqueles que consideraram a *Queda* como sendo de sua própria criação, enquanto outros cogitavam ser uma tradução do texto *De l'amour des femmes pour les sots*. Ferreira a partir da constatação de um estudo feito por Jean-Michel Massa apresenta diferentes argumentos e citações para garantir e esclarecer que o texto era, de fato, de uma tradução de Machado.

No quarto capítulo, *Dom Casmurro: “retratos que valem por originais”*, temos uma releitura com base nos estudos da tradução de uma das obras mais bem conceituadas do escritor, o romance *Dom Casmurro*. Muitos consideravam essa obra um plágio, pelo fato de sua semelhança com *Otelo* de Shakespeare. Porém, Machado defendia a ideia do “plagiarismo múltiplo” que, segundo Ferreira, se refere ao conceito de intertextualidade praticado nos dias atuais, o qual tem a ver com a questão de produzir um texto literário ou uma tradução utilizando um intercâmbio entre obras. Ela também considera presente no romance de Machado o conceito de *plagiotropia* de

Haroldo de Campos, que alude à liberdade de criação do tradutor, em que este se apropria de outros textos para fazer traduções que recaiam na paródia, na paráfrase ou no plágio, demonstrando assim sua visibilidade e sua autonomia.

O romance *Dom Casmurro*, conforme aponta o estudo da autora, foi uma das obras mais estudadas por críticos nacionais e estrangeiros, além de ter sido acessível à classe popular, tendo em vista que Machado era considerado um autor de difícil acesso ao grande público. Tal obra foi retratada e adaptada diversas vezes e em diferentes gêneros como televisão e teatro. Nela é possível encontrar mais uma das diversas metáforas usadas pelo literato para retratar o fazer tradutório — a fidelidade ao original através da história do marido traído. A partir de excertos retirados dessa obra, é exposto como o retrato do filho Bento da personagem Capitu denunciou que seu pai não era Ezequiel, portanto, segundo a autora, a fotografia era uma cópia (tradução) do original, ou seja, do rosto de Bento, mas que ali representava aquilo que era, de maneira real, o original (texto-fonte). Em suma, o que a metáfora quer dizer é que a tradução representada pelo retrato que substituiu o original também possui seu valor e sua autenticidade quando praticada por meio da imitação.

Após concluir os quatro capítulos, Ferreira expõe suas conclusões com base nos dados inéditos contemplados ao longo de sua pesquisa. Destaca-se a descoberta do fazer tradutório de Machado de Assis que tanto contribuiu para a história da tradução e para o enriquecimento do “pecúlio cultural comum”, já que sua prática tradutória, pelo fato de ser considerada como um processo de imitação e criação, se revelou diferente da que era realizada em sua época, no Brasil oitocentista, a “servil”.

Depois da bibliografia geral, o leitor ainda encontra, no anexo, a listagem com quarenta e oito traduções feitas por Machado de Assis, que seguem a classificação em ordem-cronológica dada por um dos poucos pesquisadores de Machado, em seu papel de tradutor, Jean-Michel Massa. Essas traduções são encontradas em sua tese intitulada *Machado de Assis, traducteur* (1970), tendo em vista que alguns títulos foram incluídos e destacados por Ferreira, após a realização de sua pesquisa de doutorado.

Sendo assim, considero esta obra, apesar de ter sido lançada ao público em 2004, de grande importância contemporânea para os estudos da tradução, pois cumpre com seu objetivo trazendo um lado ainda pouco conhecido de Machado de Assis, mas de grande pertinência, o de teórico-tradutor.

Fernanda Maria Alves Lourenço
feerfl@hotmail.com
PGET/UFSC

Referências

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2004.